

A proposta Bouvard e o Plano de Avenidas: expressão espacial da antítese do capital em São Paulo

Marcelo Aydar Sandoval¹

O presente artigo analisa o impacto da acumulação de capitais no cenário urbano. Toma-se o caso específico da cidade de São Paulo, do período de *Deslocamento de centro dinâmico*, assim denominado por Furtado, até a segunda fase de industrialização brasileira. Foi neste curto espaço de tempo que as mais significantes transformações ocorreram no cenário urbano paulista de maneira a garantir a expansão explosiva da cidade para a condição de maior parque industrial da América Latina.

Neste aspecto, é ferramenta fundamental à análise a geografia capitalista de Harvey. Embora por alguns questionada como uma teoria em si, deve-se ressaltar a revolução que esta proporcionou aos estudos da economia urbana ao partir de um processo dinâmico, a acumulação de capitais, para a efetiva análise do impacto desta no espaço. O autor observa que para a sua efetiva realização, o capital necessita de diferentes cenários geográficos e constantemente os molda. Muitas vezes, no entanto, aquilo que antes era o cenário ideal de realização de capital torna-se uma barreira ao mesmo, de modo que, pode-se afirmar que o processo é acompanhado de um constante equilíbrio entre criação e destruição de diferentes cenários geográficos. Tal processo é nitidamente observado na transição entre a proposta Bouvard e o Plano de Avenidas de Prestes Maia.

Posto em prática ainda em um período em que a política e a economia brasileiras eram regidas pelos interesses de uma oligarquia cafeeira, a proposta Bouvard buscava promover a reestruturação e o embelezamento de São Paulo, especificamente, da região do triângulo central, de maneira a atrair comerciantes e fazendeiros a estabelecerem residência na cidade. As intervenções urbanas ocorreram entre as décadas de 1910 e 1920 e englobaram, por exemplo, o ajardinamento do Parque do Anhangabaú, em 1910, a inauguração do Teatro Municipal e do Palacete Prates em 1911.

O declínio da economia cafeeira, junto a ascensão de uma recém estabelecida

¹ Graduando do curso de Ciências Econômicas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

classe de industriais provocam mudanças significativas na estrutura social e política do país. Inicialmente subordinada à produção de café, a industrialização brasileira terá, no entanto em sua II fase, um governo representante do setor urbano-industrial. De modo que, pode-se dizer que, neste período, as intervenções urbanas de São Paulo estiveram voltadas para o movimento de industrialização da cidade, tendo no Plano de Avenidas, expressão maior de tal realidade.

Elaborado por Francisco Prestes Maia em 1930 e posto em prática a partir de 1938, o Plano de Avenidas considerava que a rápida expansão horizontal e vertical da cidade deveria ser acompanhada por uma infra-estrutura urbana que permitisse e impulsionasse tal processo. De modo que ao centro da cidade não cabe mais o embelezamento, mas sim a viabilização desta expansão. Passa este a exercer principalmente a função de eixo de acesso as demais regiões da cidade.

O que se observa na implantação do Plano de Avenidas é a substituição da estrutura urbana até então concedida por um novo modelo apoiado fortemente no rodoviarismo. Pode-se assim afirmar que é neste período que as contradições da expansão do capital deixam a sua marca no cenário urbano de São Paulo de forma mais intensa.

Desta forma, o presente artigo busca compreender a partir do estudo destas duas intervenções urbanísticas qual foi o impacto da acumulação de capitais no espaço paulistano e de que forma o setor público reage a esta. O que se nota é que tanto a Proposta Bouvard como o Plano de Avenidas foram elaborados a partir das necessidades básicas e imediatas do capital devendo portanto serem ainda relacionadas com os “papéis” do Brasil, de país agro-exportador e de indústria periférica, no processo de acumulação mundial.

Conclui-se que o atual cenário urbano de São Paulo está diretamente vinculado com o processo de expansão do capital e com os cenários antitéticos que este cria e destrói. De modo que se pode afirmar que a reprodução deste no espaço é tão conflitante quanto a sua própria realização econômica.